

AVENÇA

A REGENERAÇÃO

Semanario defensor dos interesses dos concelhos do norte do distrito de Leiria

Director Literário—Dr. João Leal da S. Tendeiro
Composição, impressão e Redacção na
Tip. Figueiroense—Figueiró dos Vinhos

DIRECTOR E EDITOR:

Doutor Manuel Simões Barreiros

Propriedade de João António Semedo

Administração: Tipografia Figueiroense

FIGUEIRO DOS VINHOS

A Opinião Pública

Casa do Distrito de Leiria

Factos & Noticias

EU já disse, um dia, e repito agora: os portugueses não se entendem, às vezes, em muitos passos da nova ordem política, porque não se entendem, outras vezes, sobre o valor das palavras.

A feição mental de cada português é falar, não sobre o que o seu espírito lhe ditou, mas sobre o que, no lar, na rua ou no escritório, *ouviu dizer*; e a sua feição psíquica manifesta-se por um forte contingente de criticomania, quando não o esmaga o sentimento da paixão, da bravura ou da generosidade.

Diante da mulher que ama, do perigo que o ameaça ou da miséria que não se esconde, o português reage bem, porque reage consoante as virtudes tradicionais da sua raça; é dócil, é valente e é pródigo ao mesmo tempo. Diante da página literária que lê, do trecho musical que escuta ou da tela famosa que contempla, o português reage também; mas não resiste a que as virtudes se lhe transformem no hábito desatencioso da crítica impenitente, com todo o seu cortejo de ditos irónicos, gracejos mordentes ou risadas escarninhas. E isto fá-lo com habilidade tão comunicativa cu com espírito de tal forma cintilante, que não tarda em conseguir adeptos na campanha de demolição sério-cómica.

Do entrechoque do *ouvir dizer* por temperamento, resulta uma das causas da *má qualidade* da nossa opinião pública: a verificação de que, quando a matéria é acessível, se faz espírito, e bom espírito — do melhor; e a de que, quando a matéria se eleva acima dos normais conhecimentos, se faz azedume, e mau azedume — do peor. Com este azedume e este espírito se tem o povo desentendido sobre o valor das palavras, e se tem construído, algumas vezes, a história de certos actos do Governo.

Por outro lado, o caracter de determinados conflitos internacionais a que, no campo das realidades, não se tem deixado de assistir, os teoremas de certas fantasias que, no campo das hipóteses, à volta desses conflitos não se têm deixado de formular, e, sem dúvida, a desinteligência entre os que alguns pretendam que esses conflitos venham a ser e o que outros julgam, talvez com mais razão, que eles, no seu conteúdo, têm sido — favorecem também, por igual modo, este estado doentio da opinião pública, que vive, intranquila, na ignorância da resolução de várias incógnitas para que não valem perspicácia, experiência ou conhecimento prático dos homens e das cousas. E esta circunstancia será talvez a única que poderá validamente desculpar o apatriotismo em que se resolve a inquietação da nossa opinião pública.

(Duma palestra da E. N.)

Um monumento a Gutenberg

O homem de hoje habituado aos benefícios inestimáveis da Imprensa, raramente atribui todo o valor a essa extraordinária descoberta cuja contribuição faz a civilização ultrapassar de longe a da telefonia sem fios ou da aviação.

Vem isto a propósito de o doutor A. Ruppel, director do Museu Gutenberg, de Mogúncia, ter conseguido estabelecer definitivamente,

após longos trabalhos e investigações que o imortal inventor da imprensa foi sepultado em Mogúncia na igreja de São Francisco.

Como a igreja se encontrava em ruínas e no seu lugar foi construída uma grande praça a municipalidade de Mogúncia decidiu mandar erigir, no meio desta, um monumento a Gutenberg, monumento que será inaugurado brevemente por ocasião das comemorações do quinto centenário da Imprensa.

A Casa do Distrito de Leiria está atingindo um grau de desenvolvimento cada vez maior, devido à simpatia e dedicação que lhe dispensam os naturais do Distrito. Assim, o número de associados a partir de Janeiro do corrente ano tem aumentado sensivelmente, sendo superior a um por dia a média dos inscritos, e isso já permitiu que fossem ampliadas as instalações existentes com a inerente aquisição de novo mobiliário.

A par de tudo tem a Casa de Leiria realizado uma acção contínua de defesa atenta dos interesses do Distrito, intervindo por iniciativa própria e sempre que é solicitada em todos os movimentos que visam ao progresso das suas terras: o seu lema é contribuir quanto as suas possibilidades o permitam para a unidade e grandeza do Distrito de Leiria.

Proseguindo na missão que se propoz realizar na sua sede conferências dedicadas à propagação e tradição dos concelhos do Distrito, a Casa de Leiria, depois de trazer à tribuna pública os nomes consagrados de Joaquim Manso, Urbano Rodrigues e Adelino Mendes, a que se segue Afonso Lopes Vieira, eminente poeta leiriense, vai consagrar uma noite à progressiva cidade de Caldas da Rainha, sobre a qual dirá uma conferência o caldense e ilustre jornalista Luiz Teixeira.

Em 4 de Abril próximo também a nobre vila de Pombal será homenageada num «Serão de Arte», em que colaboram entre outros os nomes de D. Maria Madalena de Martel Patrício, D. Maria Carlota Tinoco, D. Marina Dewander Gabriel, D. Maria Resende Miranda, dr. Mário de Aguiar, Ildelfonso Leitão e dr. Manuel Ribeiro Ferreira, com a intervenção de Frederico de Sousa e da Câmara Municipal da sua presidência, que promove a vinda a Lisboa do Rancho Regional de Pombal com os seus traços característicos para tomar parte nesse serão de arte que é testemunho da consideração havida para com o valioso concelho do norte do Distrito.

A Casa de Leiria, que o amor e carinho dos naturais do Distrito, tem mantido e feito progredir cada vez mais, procura assim corresponder à confiança nela depositada e aos que justamente esperaram da sua actuação obra útil e proveitosa para Leiria e seu Distrito.

A CHUVA

A chuva continua a fustigar-nos, estando a dar-nos enorme prejuizo. As sementeiras não se fazem, os outros trabalhos também são prejudicados.

Padre Lacerda

De regresso de Pedrógão Grande, onde foi tomar parte nas cerimónias religiosas da Semana Santa, deu-nos o prazer da sua visita o sr. Padre José Ferreira de Lacerda, digno pároco dos Milagres e ilustre director do nosso colega «O Mensageiro».

Dr. Anibal Correia

Esteve nesta vila o sr. dr. Anibal Correia, digno conservador do Registo Civil em Obidos e nosso estimado amigo.

Dr. Marreca David

Foi nomeado médico do sindicato dos operários de lanifícios com sede em Castanheira de Pera o sr. dr. Marreca David, distinto clínico na-que-la vila.

Rui Paiva

Deu-nos o prazer da sua visita o sr. Rui Paiva, nosso presado colaborador e distinto quintanista de medicina.

Joaquim Lourenço de Campos

Esteve entre nós o sr. Joaquim Lourenço de Campos, distinto professor oficial em Campelo.

Manuel Pereira da Silva

A passar as férias da Pascoa esteve no Fontão Fundeiro o sr. Manuel Pereira da Silva, brioso terceiranista da faculdade de direito de Coimbra.

Humero de Campos

De visita a seu pais esteve em Alge o sr. Humero de Campos, engenheiro químico e empregado nas fábricas de algodão de Tomar.

Rui Ferreira

A passar as férias da Pascoa encontra-se entre nós o sr. Rui Ferreira, aluno distinto de engenharia.

Estudantes

A passar as férias da Pascoa encontram-se entre nós os académicos que frequentam lá fora diversos cursos:

Henrique Lacerda, Fernando e Manuel Herdade, José Telhada, Luiz Ferreira, João Simões Rodrigues, Manuel e Fernando Agria, Eduardo Paquete Nunes, Amílcar Agria, Manuel Andrade Pinto, Gil Feitor, Fausto e António Agria, José Manuel David Abreu e Nuno Teixeira.

Concerto de Música

A nossa filarmónica sob a regência do sr. Joaquim Marques Fouto, não completou o concerto no domingo de Pascoa, no jardim público, por causa do mau tempo que fez, o que nos causou pena.

Encorporação Militar

De 1 a 5 de Abril próximo devem apresentar-se nas unidades a que pertencem, o primeiro contingente dos manebos apurados nas ultimas inspecções.

As guias de caminho de ferro, são passadas nas câmaras do concelho a que pertencem.

Grémio de lavoura

Foi criado o Grémio da lavoura dos concelhos de Castanheira de Pera, Pedrógão Grande e Figueiró dos Vinhos, com sede em Figueiró.

Festa de Nossa Senhora do Pranto

Tem lugar amanhã a festa da Nossa Senhora do Pranto, em Vilas de Pedro.

Esta romaria é abrilhantada pela nossa filarmónica e costuma ser muito concorrida.

A água substituto da gasolina

Enquanto que em todos os países, beligerantes e neutrais, tem sido reduzido ao mínimo o consumo de gasolina, as atenções dos proprietários de automóveis concentram-se num extraordinário progresso da técnica do que se fala com enorme insistência e que, segundo parece, está em vias de realização. Trata-se de uma revolução total no que se refere aos motores de explosão.

Com efeito, cientistas alemães, italianos, franceses e ingleses estão a dedicar-se, febrilmente, às experiências de os chamados «motores de água», isto é, motores que virão a trabalhar utilizando a água como carborante. Os referidos motores assemelham-se, na sua construção, aos do tipo Diesel.

Digno de menção é o invento sensacional feito por um rumeno, dr. Lirpa, que faz passar a água por um catalizador especial que a decompõe nos seus elementos. A água é submetida à temperatura de 585 graus e sofre uma pressão de 45 atmosferas. Depois, no estado de gaz, passa a um carburador. A mistura formada pelo oxigénio e pelo hidrogénio é extraordinariamente explosiva e capaz de pôr em movimento os cilindros de um motor.

Este jornal foi visado pela Comissão de Censura

Panorama

Aleluia! Aleluia! É o grito que nesta época ecoa em todo o orbe cristão. Para qualquer lado que nos viremos encontramos o horizonte de aspecto sinistro.

Só este expressivo canto projecta clara e diáfama luz na torba e plumbra atmosfera onde a tempestade exterminadora ruga feroz.

Lisboa deu prova da sua recristinização frequentando com assiduidade todos os actos rituais próprios destas solenidades.

Dá satisfação ver, neste Oceano de incertezas onde todas as embarcações andam à deriva, que parte da humanidade recorre ao único Timoneiro que a pode salvar.

Ulysses Júnior

Pela Biblioteca Erudita

Exposição do Livro Francês

No dia 18 do corrente encerrou-se a Exposição do Livro Francês a qual foi visitada na Biblioteca Erudita por 224 pessoas.

Entre as figuras mais representativas que visitaram a Exposição devem citar-se: — Delau, Secretário da Legação de França, Warnier Director do Instituto Francês, sr. dr. Mário de Vasconcelos, Governador Civil, dr. António Marçal, dr. Rocha Brito, Jean Rousé, Manuel Simões Maia como representante da Associação Comercial, Padre Marques dos Santos, vice-reitor do Seminário, Marino Sanches Ferreira, dr. Azevedo Mendes, dr. Agostinho Tinoco, reitor do Liceu, André Tahuziés, Narciso Costa, Director da Escola Industrial, dr. António Matoso, João Jorge Maltieira, Davies, dr. Acácio Calazans Duarte, dr. Acácio Leitão, Engenheiro Eduardo Monteiro, dr. Rocha e Silva, dr. Maria Inês Vasques Ribeiro, dr. Maria de Sousa Leão, dr. Lidia Sotto Mayor Malheiro, Mlle. Bidal, Mlle. Rousé, Luis Goes, etc.

Serviço de Leitura

Com o encerramento da Exposição do Livro Francês foi restabelecido desde o dia 18 o serviço da leitura diurna e nocturna na Biblioteca Erudita.

Durante o mês de Fevereiro o movimento de leitura foi de: 109 requisições na leitura diurna, 99 requisições na leitura nocturna.

A leitura foi interrompida no dia 24 por motivo de reparações a que se procedeu na sala de leitura, pelo que realizaram apenas 19 sessões de leitura diurna e 12 de leitura nocturna.

O Director da Biblioteca

Alfredo de Carvalho

João Luiz Júnior

Na passada terça-feira pelas três horas do dia 26, faleceu o sr. João Luiz Júnior, comerciante e proprietário.

Homem activo, trabalhador e honesto, gosava de gerais simpatias e deixou profundas saudades em toda a sua família e que, com elle privaram de perto.

«A Regeneração» ticha pelo sr. João Luiz a melhor simpatia, sente profundamente a sua morte e apresenta a toda a família sentidos pêsames.

O Esperanto, língua viva

O Esperanto é já hoje uma língua internacional, e sê-lo á mais ainda no futuro. A sua existência já se não confina nos vagos limites da teoria. Há muito que transcendeu das nebulosas criadoras, da Utopia, para o campo real da vida prática.

O melhor argumento em seu favor está nos seus cinquenta e três annos de existência, durante os quais a sua resistência tem sido vitoriosamente posta à prova. Adoptado pela Sociedade das Nações, que publica um boletim em Esperanto; pelas internacionais operárias e por muitas outras instituições internacionais, políticas, científicas, literárias e comerciais; empregado como língua do cinema, em filmes de grande metragem, da Metro-Goldwin-Mayer e da R. K. O., de Hollywood; ensinando nas escolas oficiais e particulares dos países mais cultos; utilizado em vários congressos internacionais; reconhecido pela Federação Internacional dos Correios e Telegrafos; dispondo de milhões de cultores em todo o mundo e duma vasta bibliografia, constituida por milhares de livros, além de centenas de jornais e revistas, redigidos na língua internacional — o Esperanto possui já hoje todas as condições duma língua viva. Pode afirmar-se que não há no mundo uma cidade ou terra importante, onde não exista, pelo menos, uma pessoa — com o nome inscrito nos annários das associações internacionais de esperantistas — com quem possamos entender-nos, por meio da prática, simples e eufónica língua mundial.

Aqui mesmo ao lado, em Espanha, encravada no centro da região levantina, há uma povoação importante — Chestre — onde toda a gente conhece e fala o Esperanto: o professor primário, o cura, o «calcaide» e demais população. Dará também uma ideia aproximada dos progressos do idioma internacional no mesmo país o funcionamento, entre outros, com caracter official, dum curso de Esperanto na Escola Normal Primária de Madrid.

Além dos vários organismos específicos, nacionais e internacionais, de Esperanto (de professores, de músicos, de filatelistas, de ferroviários, de amadores de rádio, de ceegos, de católicos, de protestantes, de ateus, de metodistas, de médicos, de estenógrafos, de escuteiros, etc.), duas poderosas organizações mundiais existem, que polarizam, por assim dizer, o movimento esperantista. São ellas: a *Internacia Esperanto Ligo* (Liga Internacional de Esperanto), com uma editorial de obras esperantistas e dois órgãos na imprensa — «Heroldo de Esperanto», semanário, e «Esperanto», revista mensal — editados em Londres; e a *Sennacieca Asocio Tutmonda* (Associação Mundial dos Anacionalistas), que além duma vasto editorial de obras de literatura, ciência, sociologia e filosofia — originaes e traduções — mantém três órgãos na imprensa: «Sennaciulo» e «La Lernanto», jornais, e «Sennacieca Revuo», revista, editados em Paris.

Em Portugal, o Esperanto começou já a romper a espessa camada da indiferença pública, que o asfixiava. Consoladora prova de que afirmamos está na expansiva e proselfica actividade, desenvolvida por esse país fora — incluindo ilhas e colónias — em favor do idioma internacional, por mais de trinta organismos esperantistas, que mantêm outros tantos cursos de Esperanto.

No Brasil existe igualmente um movimento florescentissimo, prote-

A propaganda da nossa região em França

A revista de cinema *Pour Vous* que se publica semanalmente em Paris, no seu n.º 581 de 3 de Janeiro do ano corrente, inseriu um artigo de André Robert sob o titulo «Cinema português cinema de legende».

A propósito dos mais recentes filmes portugueses o autor lembra em alguns períodos do artigo os documentários da nossa praia da Nazaré e em traços rápidos mas expressivos descreve esse formosíssimo recanto da nossa região extremenha. — Damos a seguir a versão portuguesa do trecho do artigo que nos interessa.

«... Nazaré, um extraordinário porto onde a terra acaba e onde o mar começa, onde os séculos recuaram e os pescadores não perderam a grandeza antiga dos seus costumes nem dos seus vestuários.

Cita-se em seguida o filme *Maria do Mar* como o mais comovedor de todos, no qual se desenvolve o drama de todos os dias da pescadora da Nazaré.

O artigo é ilustrado com cenas deste último filme e o tumulto do Soldado desconhecido na Batalha figura como uma bela imagem no fim da página consagrada a Portugal.

Bibliografia do Distrito

No ano das comemorações centenárias, em que o distrito de Leiria leva a efeito duas exposições nas suas duas cidades mais importantes, seria muito interessante que uma publicação do mais alto sentido regional assinalasse perante o país a contribuição do Distrito ao desenvolvimento da cultura portuguesa desde os primeiros tempos da nossa história.

O livro a publicar nesta data seria a «Bibliografia do Distrito». Sem dúvida alguma, nem todos sabem quanto se escreveu e se imprimiu até hoje acerca da nossa terra, e muitos ignoram quanto os filhos do distrito trouxeram a lume nas letras e nas ciências. — Um livro onde se dê a conhecer a intelligência dos nossos maiores em todo o seu verdadeiro fulgor, justo é considerá-lo o nosso livro de ouro do ano jubilar. Quantos motivos nos fornece a história do nossa cultura para semelhante empresa? — Como o valor do Distrito de Leiria no domínio do espirito havia de palpitar mais forte dentro desse monumento erguido á glória dos que nos precederam.

Se até hoje nenhum distrito empreendeu com caracter official uma publicação dum interesse tão elevado, por que não tomará Leiria a ideia e não lha consagrará um ano de trabalho ardente?

Marquemos o centenário da fundação com uma obra de simpatia social, de propaganda intelligente e de balanço dos nossos valores mais puros e duradoiros.

gido pelo próprio Estado. Aquele país deve o Esperanto valiosa contribuição: por proposta do governo brasileiro, a Sociedade das Nações reconheceu-o officialmente, como lingua intelligível para as relações internacionais; e o mesmo governo decretou que o conhecimento do Esperanto é circunstância que dá preferência, em concursos para certas profissões, como a dos Correios, da Polícia de Turismo, etc., aos candidatos em igualdade de condições: e recentemente, ainda, subsidiou a edição dum magnifico dicionário português-esperanta.

ESPERANTO

O artigo *O Esperanto, lingua viva* é extraído da introdução ao «Curso Completo de Esperanto», da autoria de Roberto das Neves.

Este curso, que comprehende 20 fascículos illustrados de modo a permitir uma fácil aprendizagem sem mestre, pode ser pedido para o *Portugala Instituto de Esperanto*, Rua Eugénio dos Santos, 17 — Lisboa.

Pagamento de assinaturas

Foram pagas na nossa recdicação as assinaturas do nosso jornal referentes aos nossos amigos:

João Martins Mano, Arêga
Manuel Antunes Morgado Junior, Alvega
Albano Antunes Morgado, Sazedas de S. Pedro
Joaquim Maria Canelhas, Arêga
António Simões Braz, Arêga
José Alves, Vila Facaia

ANUNCIO

Comarca de Figueiró dos Vinhos
Faz-se saber que no dia trinta e um de Março corrente, pelas onze horas, á porta do Tribunal Judicial desta comarca vão á segunda praça para serem arrematados por qualquer preço oferecido além do indicado os prédios abaixo descritos penhorados nos autos de execução de sentença que Manuel de Assunção casado, proprietário do Muninhos Cimeiros, move ao digno agente do Ministério Público como representante do Estado e a Maria Lopes, viuva, dos Muninhos Fundeiros.

PREDIOS

Um talho de terra de seca no sitio da Portela, limite dos Muninhos Fundeiros que parte do nascente com Manuel Dias, poente, norte e sul com a estrada. Inscrito na Matriz sob o artigo 19.135 e descrito na Conservatória sob o numero 29.338. Vai á praça no valor de 37\$40

Deste prédio é usufrutuária Rita de Jesus, viuva, dos Muninhos Cimeiros.

O direito e acção a metade de um talho de terra de rega sita ao Ribeirinho limite dos Muninhos Cimeiros, parte todo o prédio do nascente com Joaquim Lopes, norte com a estrada poente com a barroca e sul com o caminho. Inscrito na matriz sob o artigo 19.831 e descrito na Conservatória sob o numero 2.903, vai á praça no valor de 37\$40

O direito e acção a metade de um talho de terra de rega sita ao Portal do Moinho, limite dos Muninhos Cimeiros, parte todo o prédio do nascente com a estrada, poente com a barroca norte com Manuel Lopes e sul com herdeiros de Antonio Lopes. Inscrito na matriz sob o artigo 19.813 e descrito na Conservatória sob o numero 29.904; vai á praça no valor de 110\$00

O direito e acção a metade de uma terra de rega sita ao Ribeiro dos Muninhos, limite dos Muninhos Cimeiros, parte todo o prédio do nascente com Joaquim Lopes, poente com a barroca norte com a estrada e sul com o caminho. Inscrito na matriz sob o artigo 19.113 e descrito na Conservatória sob o numero 29.905; vai á praça no valor de 11\$00

Figueiró dos Vinhos, cinco de Março de 1940.

O chefe da 1.ª secção
Jaime Ribeiro Socena
O Juiz de Direito
Themudo Machado
Jornal «A Regeneração» n.º 503 de 30 de Março de 1940

ANUNCIO

(2.ª publicação.)

COMARCA DE FIGUEIRO DOS VINHOS

Faz-se saber que no dia sete de Abril próximo, onze horas, á porta do Tribunal Judicial desta comarca vão á primeira praça para serem arrematados por qualquer preço oferecido além do indicado os prédios abaixo descritos, penhorados nos autos de execução por custas e selos que o digno agente do Ministério Público, nesta comarca move a Manuel Caetano e mulher Maria da Silva, residentes no Salgueiro, desta comarca.

Prédios

O direito e acção a um oitavo de uma terra de rega sita á Horta Cimeira que parte do norte com João Simões, sul com Ermelinda da Silva, nascente com herdeiros de Victorina da Silva e poente com a ribeira. Vai á praça no valor de 700\$00

O direito e acção a um oitavo de uma terra de rega sita á Horta Cimeira, parte do norte com João dos Santos, sul com Adelinho dos Santos, nascente com a ribeira e poente com herdeiros de Victorina da Silva. Vai á praça no valor de 680\$00

O direito e acção a um oitavo de um mato e terra de rega sita ao Esqueiro, parte do norte com Maria Rosa da Silva, sul com Manuel dos Santos, poente com José António nascente com Victorina da Silva. Vai á praça no valor de 580\$00

O direito e acção a uma citava parte de uma terra de rega sita ao Esqueiro parte do norte com José António, sul com Manuel dos Santos, nascente com Palmira de Jesus e poente com herdeiros de Victorina da Silva; vai á praça no valor de 526\$00

Estes prédios que formam um único está descrito na matriz sob os artigos 17.779—118 e 17.780—118 e descritos na Conservatória do Registo Predial, respectivamente sob os numeros 29.566, 29.567, 29.568 e 29.569.

Uma terra de mato nas Cavadas Grandes que parte do norte e sul com Manuel Miguel poente com Francisco da Silva e do nascente com João Simões. Inscrito na matriz sob o artigo 17.841 e descrito na Conservatória sob o numero 29.570. vai á praça no valor de 83\$60

Uma terra de mato sito ao Val João Fernandes parte do norte com Rosa da Silva sul com José António nascente com Ermelinda da Silva e do poente com João dos Santos Inscrito na matriz sob o artigo 17.703 e está descrito na Conservatória sob o numero 29.571; vai á praça no valor de 294\$80

Uma terra com oliveiras e mato no Culbão da Silveira, parte do norte com José Graça, poente com o mesmo, sul com José António e do nascente com a estrada. Inscrito na matriz sob o artigo 22.964 e descrito na Conservatória sob o numero 29.572; vai á praça no valor de 13\$20

Pelo presente é também citado o comproprietário Ermelinda da Silva, solteira ausente em parte incerta de Lisboa para assistir á praça anunciada no presente anúncio e nesse acto usar do direito de preferência, querendo.

Figueiró dos Vinhos, aos quatro de Março de 1940.

O chefe da 1.ª Secção
Jaime Ribeiro Socena
O Juiz de direito
Themudo Machado
Jornal «A Regeneração» n.º 503 de 30 de Março de 1940

Anuncio

COMARCA DE FIGUEIRO DOS VINHOS
1.ª publicação

Faz-se saber que no dia vinte e cinco de Abril próximo á porta do Tribunal Judicial desta comarca, vão á primeira praça para serem arrematados por qualquer preço oferecido além do indicado os prédios abaixo descritos e penhorados nos autos de execução hipotecária que Joaquim Alves da Silva, casado, industrial, de Castanheira de Pera, move a Manuel Lourenço, mulher e outros, residentes no lugar dos Moredos.

PREDIOS

Uma terra de sementeira e mato com castanheiros, nos Moredos, a confinar do nascente com a estrada, norte com Manuel Francisco Andrezo, poente com a estrada e sul com João Henriques. Vai á praça o direito e acção a metade deste prédio no valor de 61\$60

O direito e acção a metade de uma terra de sementeira sita ao Lameiro, limite dos Moredos parte do nascente com a ribeira, poente com Maria do Carmo Olivença norte com herdeiros de José Henriques Corga e sul com Manuel Henriques Rosa. Descrito na matriz sob os artigos 10936 e 10910. Vai á praça no valor de 730\$40

Uma terra de sementeira e testada de mato no sítio dos Pereiros, limite dito, parte do nascente com o viso, poente com a ribeira norte com herdeiros de Manuel Alves Bebiano e sul com Matias Henriques Baeta. Descrito na matriz sob o artigo 15554. Vai á praça no valor de 426\$80 quatrocentos e vinte e seis escudos e oitenta centavos.

O direito e acção a metade de uma terra de sementeira sita ao Casal, limite dito, parte do nascente com Augusto Rodrigues Lameiras, sul com Manuel Francisco Andrezo, poente com a estrada e norte com Alvaro Inácio Lameiras. Inscrito na matriz sob os artigos 15.581, 15.582, 15.583 e 15.592 e vai á praça no valor de 511\$00

O direito e acção a metade de uma sorte de mato e carvalhos sita á Silveirinha a partir do nascente com herdeiros de João Francisco Junior, poente com Joaquim Dias da Silva norte com José Antonio Chamisso e herdeiros e sul com Manuel Alves Bebiano. Inscrito na matriz sob os artigos 15.514 e 15.517 e vai á praça no valor de 182\$60

Uma testada de mato e pinheiros á Silveirinha, limite dito confina do nascente com Maria Henriques Baeta, poente com João Tomaz norte com Antonio Chamisso e sul com herdeiros de Manuel Alves Bebiano. Inscrito na Matriz sob o artigo 15.502 e vai á praça no valor de 778\$80

Um terreno com pinheiros e carvalhos no Açude, limite dito parte do nascente com a estrada nacional norte com herdeiros de José Henriques Corga e sul com o mesmo. Inscrito na matriz sob o artigo 10.967 e vai á praça no valor de 46\$20

Um terreno com pinheiros e mato no Açude limite dos Moredos parte do nascente com Maria da Soledade Correia Teles Diniz, poente com herdeiros de Emilia Henriques, norte com a estrada e sul com Manuel Francisco Andrezo. Inscrito na matriz sob o artigo 10.959 e vai á praça no valor de 151\$80

Um terreno com carvalhos no Rodeio a partir do nascente com

Anuncio

COMARCA DE FIGUEIRO DOS VINHOS

Por sentença de 13 de Março de 1940, que transitou em julgado, foi decretado o divórcio entre os conjugues Natividade Henriques, doméstica, e Manuel Carvalho, residentes no lugar de Sarzedas de São Pedro, freguesia de Castanheira de Pera, desta comarca de Figueiró dos Vinhos, com fundamento no n.º 4.º do art.º 4.º do decreto de 3 de Novembro de 1910.

Figueiró dos Vinhos, 27 de Março 1940.

O chefe da 2.ª secção
Joaquim José da Conceição Junior
Verifiquei a exactidão

O Juiz de direito
Themudo Machado

Jornal «A Regeneração» — n.º 503
de 30 de Março de 1940

Abilio da Conceição Rodrigues
Advogado

Castanheira de Pera

Em PEDRÓGÃO GRANDE: todas as segundas-feiras até ao meio dia

a ribeira poente com herdeiros de José Henriques Corga norte com o mesmo e sul com a estrada. Inscrito na matriz sob o artigo 10,962 e vai á praça no valor de 547\$80

Uma testada de mato com pinheiros e carvalhos no Rodeio a confinar do nascente com herdeiros de José Henriques Corga, poente com Herdeiros de João Francisco Junior, norte com António Maria Heliodoro e sul com Manuel Francisco Andrezo. Inscrito na matriz sob o artigo 11.799 e vai á praça no valor de 30\$80

Uma terra de sementeira nos Moredos de Cima parte do nascente com Manuel Francisco Andrezo poente com Maria dos Prazeres Ferreira, norte com herdeiros de José Henriques da Fonte e sul com herdeiros de José Henriques Corga. Inscrito na matriz sob o artigo 11.791 e vai á praça no valor de 244\$20

Uma terra de sementeira mato e pinheiros nos Moredos de Cima parte do nascente com José Henriques da Fonte e outros, poente com José Henriques da Fonte norte com o mesmo de vedação e sul com herdeiros de José Henriques Corga. Inscrito na matriz sob o artigo 11.882 e vai á praça no valor de 92\$40

Um pinhal e mato sita á Silveirinha (Casal) limite dos Moredos que parte do nascente com herdeiros de Manuel Alves Bebiano poente com António Manuel Barata norte com herdeiros de Manuel Nunes e sul com Firmino Antão. Inscrito na matriz sob os artigos 15.535 e 15.599 e vai á praça no valor de 486\$20

Uma terra de sementeira na Corga Longa, limite de Castanheira de Pera parte do nascente com a ribeira, poente com o caminho norte com Manuel Francisco Andrezo e sul com Maria Justina Nunes. Inscrito na matriz sob o artigo 65 e vai á praça no valor de 78\$60

Destes prédios vai á praça sómente o direito e acção a metade com excepção do descrito em terceiro lugar do que se passa

Anuncio

COMARCA DE FIGUEIRO DOS VINHOS
1.ª publicação

Faz-se saber que por este juizo e sua primeira secção correm éditos de trinta dias citando o executado Anibal Dias Godinho, casado, jornalista, ausente em parte incerta do Paiz e com o seu último domicilio em Vila Facaia, para no prazo de cinco dias, findos que sejam os da dilação fixada e a contar da segunda publicação do presente anuncio, pagar na Tesouraria Judicial desta comarca a quantia de 563\$23 proveniente de custas em divida nos autos de policia correccional que lhe move nesta mesma comarca o digno agente do Ministério Publico, ou dentro de igual prazo nomear os bens á penhora.

Figueiró dos Vinhos, vinte e oito de Março de 1940.

O chefe da 1.ª Secção, int.
José Abreu Nunes
Verifiquei a exactidão

O Juiz de direito
Themudo Machado

Jornal «A Regeneração» — N.º 503
de 30 de Março de 1940

CAMISAS LIMPOPE
MARCA REGISTRADA
A única camisa com colarinho indormável. A venda no Estabelecimento de **Gustavo Coelho Godet**, Figueiró dos Vinhos

Venda de propriedades

Vendem-se todas as pertencentes a António da Silva Neto, dsa Bairradas, onde são situadas, e que constam de: casas de habitação, com grande terra de sementeira de rega com muitas arvores de fruto, vinha e oliveiras.

Outras terras, também de sementeira e com oliveiras; bem como outras com pinheiros e matos.

a descrever que vão na sua totalidade.

Uma casa de Palheiro com seus logradouros e mais pertencas nos Moredos, parte do nascente com a estrada distrital poente com Maria da Nazareth e marido norte com herdeiros de Albino Inácio e sul com Maria Justina. Inscrito na matriz sob o artigo 1220 e vai á praça no valor de dois mil e setecentos escudos 2.700\$00

Figueiró dos Vinhos, vinte e oito de Março de 1940.

O Chefe da 1.ª Secção Int.
José Abreu Nunes
Verifiquei a exactidão

O Juiz de direito
Themudo Machado

Jornal «A Regeneração» — N.º 503
30 de Março de 1940

Anuncio

COMARCA DE FIGUEIRO DOS VINHOS
(1.ª Publicação)

Faz-se saber que no dia 25 de Abril próximo, (quinta-feira) pelas doze horas, á porta do Tribunal Judicial desta comarca, sito nos seus Passos do Concelho, vai á primeira praça, para ser arrematado, por qualquer preço oferecido além do indicado, o direito e acção aos prédios a seguir descriminados, e penhorados nos autos de execução por custas e selos, que o digno Agente do Ministério Público, nesta comarca move contra José Augusto, divorciado, residente na cidade de Lisboa:

O DIREITO E ACÇÃO A METADE DO CASAL PERTENCENTE AO EXECUTADO JOSÉ AUGUSTO E SUA EX-MULHER MARIA ROSA, CONSTITUIDO PELOS SEGUINTE BENS:

1.º — Um prédio rustico sito na Barroqueira, limite do Romão, freguesia de Pedrógão Grande, parte do nascente com José Nunes, poente com António Antão, norte com José Antunes e sul com António Coelho. Encontra-se descrito na Conservatória sob o n.º 29 875, e é na matriz predial o artigo 9.757—213

2.º — Uma terra de sementeira de seca e oliveiras sita ao Soutinho ou Lambarão, limite do Romão, freguesia de Pedrógão Grande, parte do nascente com António Luiz, poente com herdeiros de Vicente Antunes, do norte com António Coelho e sul com Manuel Lopes. Encontra-se descrito na Conservatória sob o numero 29.876 e é na matriz o artigo 9.427—215.

3.º — Um pequeno pinhal sito aos Bragueiros, limite do Romão, freguesia de Pedrógão Grande, parte do nascente com Adelino Antão, poente com Adelino Antão, norte com Adelino Augusto e sul com Adlino Antão. Encontra-se descrito na Conservatória sob o n.º 29.877 e é na matriz o artigo 9.621—114.

4.º — Uma terra de sementeira sita ao Chão do Vale, limite do Romão, freguesia de Pedrógão Grande, parte do nascente com Adelino Augusto, poente com Antonio Bernardino de Almeida, norte com José Nunes e sul com José de Almeida. Encontra-se descrito na Conservatória sob o n.º 29.878 e é na matriz o artigo 19.039—110.

5.º — O direito e acção a uma sétima parte de uma casa com cosinha e quintal, sito ao limite do Romão, freguesia de Pedrógão Grande, parte do nascente com Manuel Antunes, da Agria, norte com Antonio Nunes, da Agria, poente com bens do casal e sul com o caminho. Encontra-se descrito na Conserva-

Joaquim J. Fernandes

Medico Municipal

Clínica geral
Doenças das crianças

Figueiró dos Vinhos

J. Rodrigues de Oliveira

Médico da Casa do Povo

Doenças de Pulmões — Partos

Clinica Geral

— Consultório e residência: —

Praça José Malhoa.

João Leal da Silva Tendeiro

Médico Veterinário Municipal

Clinica Geral

Operações e Vacinações

Figueiró dos Vinhos

CONSULTORIO DENTARIO

A. MARTINS NUNES

DOENÇAS DA BOCA E DENTES — DENTES ARTIFICIAIS

Consultas aos Sábados das 16 horas em diante e aos Domingos até ao meio dia

Praça **JOSÉ MALHOA**
Figueiró dos Vinhos

Reabriu o seu consultório no primeiro domingo de Outubro

Consultório em Coimbra na Rua Ferreira Borges, n.º 8

Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa

SEDE — **LISBOA**

Filiais — Braga, Coimbra, Covilhã, Faro e Porto.

Agências — Abrantes, Estoril, Gouveia, Mafra, S. João da Madeira, Santarém, Torres Novas, Torres Vedras, Tortozendo e Figueiró dos Vinhos

Todas as operações bancárias

GÉLO

VENDE - SE qualq uer quantidade na Misericórdia de Castanheira de Pera

ria sob o n.º 29 879 e é na matriz o artigo 1.268—117.

Vai o referido direito e acção á praça no valor de oitocentos dezanove escudos e vinte centavos 819\$20

Secretaria Judicial de Figueiró dos Vinhos, aos 27 de março de 1940.

O chefe da 2.ª secção
Joaquim José da Conceição Junior
Verifiquei a exactidão

O Juiz de Direito
Themudo Machado

Jornal «A Regeneração» — N.º 503
de 30 de Março de 1940

I M A G E M

Tinha sete anos quando a guerra acabou. De tudo guardo uma vaga lembrança: as dificuldades em conseguir assucar branco e pão alvo, as minhas brincadeiras com os rapazes do meu tempo às guerrilhas. Tínhamos todos espingardas de pau e capacetes de papel de jornal com penachos de côres. E na rua e nos jardins, dividíamos-nos em grupos: uns eram os aliados, outros eram os boches. Lembra-me ainda do garbo com que desfilávamos pelas ruas, soltando gritos incoerentes, pretendendo imitar as paradas militares, onde um general coberto de condecorações passava revista aos soldados que iam para a guerra sem saber porquê.

Eu vivia numa cidade pequena de província.

A guerra acabou e a multidão veio para a rua. De todas as bocas ouvia-se o mesmo grito: A GUERRA ACABOU. Eram homens e mulheres, crianças e velhos; em alguns olhos brilhavam lágrimas.

As nossas brincadeiras às guerras terminaram, — as espingardas de pau apodreceram e os capacetes policrômicos, enfeitados com fitas de papel, foram parar ao lixo.

Chegavam os últimos soldados de França. Nós todos fomos à estação, onde numas tábuas, improvisadas em tribuna, se fizeram discursos patrióticos, afirmações incoerentes. Disseram que era a ÚLTIMA GUERRA, que a PAZ VINHA DE NOVO. E a multidão aplaudiu, soltando vivas entusiásticos, deu palmas...

E a vida continuou no seu ritmo.

Afastei-me dos meus antigos companheiros e mudei de cidade.

Os anos passaram.

De novo, nas ruas, surgiram outros capacetes de papel de jornal, outras espingardas de pau. Certamente se improvisarão mais tribunas e se ouvirão mais discursos empolados e retóricos. Os jornais dizem que morreram muitos alemães e muitos franceses.

E eu, lembro-me, da pergunta que fazia a mim mesmo, quando tinha sete anos: — «Porque se matam os Homens?»

Daniel

Sol da vida

Olhava-se e era um gôsto: os miudos saltavam, jogavam a bola, saltavam às cordas, desfaziavam-se em brincadeiras!

As suas boquitas soltavam palavras de meiguice.

Dentro da escola era uma tragédia: tudo calado, recolhido, tudo abstracto. Fora corriam no jardim, os olhos prontos a observar tudo que se passava.

E' que na escola a professora gostava de os ver calados, porque estavam com mais atenção, dizia ela. Mas a ideia da professora não correspondia à verdade, porque os miudos na aula não estavam calados, é certo, mas não pensavam no que a professora expunha, antes meditavam nos seus queridos barcos de papel e nas coisas que viam.

O que a professora falava era somente abstracto, andava longe das pequenas ambições dos miudos, por isso éis na aula estavam distraídos.

O homem veio descendo pela rua. A sua voz ouvia-se com nitidez, mas, no entanto, não se entendia o que êle anunciava.

Depois fui à janela e percebi. Era funileiro. Dizia quaisquer palavras que nem eram portuguesas nem espanholas. Uma miscelânea!

O homem soprava num canudo de folha e lá na dêle queria dizer que deitava «pingos», compunha painéis, tachos, etc.

A sua pobreza confrangia. A sua e a do moço que vinha atraz com uma banca de madeira à cabeça.

Os seus fatos falavam perfeitamente da sua miséria — miséria que não se encobria e se mostrava mesmo através da carne que ressaltava dos buracos do «fato de macaco».

E o homem seguia pela rua baixo rindo da sorte e da pobreza!

O dia estava lindo. O sol batia na rua com intensidade. No colégio a professora tinha uma sala pequena onde dava aula a umas 35 crianças.

O sol estava lindo e o tempo quente, mas a professora continuava com as janelas cerradas, como se fosse noite. Não se importava nem com o sol, nem com o calor, nem com o ar, nem mesmo com a saúde dos miudos. Por isso a sala cheirava mal.

E o sol caiu durante o dia inteiro sem que a professora abrisse a janela.

dos livros

Sinfonia da guerra, poema de António Ramos de Almeida. — Edições Sol Nascente, Porto — 1939.

DOM Alentejo, poemas de Mário Mota. — Distribuição da Livraria Portugal, Lisboa — 1939.

Horas Negras, poemas de Mesquita Júnior. — Editorial Meio-Dia, Porto — 1939.

Contra a mentira da «Crítica» em Portugal, folheto de Amorim de Carvalho — Edição Marânus, Porto — 1940.

E' bastante difícil por vezes fazer a crítica escrita dum livro que o público desconhece, de modo a interessá-lo. Opôr-nos-ão que a missão da crítica é exactamente orientar o leitor para este ou para aquêlê livro — porque depois da leitura êle verá se ela era ou não justa, se o critico o apreciou ou não devidamente. Isto será assim numa revista literária, em que o espaço abunda, e a colaboração é variada e supre a falta de interesse que a menção de livros tem para uma grande infinidade de leitores, reservando-se assim uma ou duas páginas para quem sentir a necessidade ou o gôsto de avaliar o movimento literário do momento — e não numa página literária em que muitas vezes se não sabe como organizar o original num mínimo de colunas.

Uma das maneiras de evitar êste inconveniente é a transcrição de trechos tirados do livro, aqui e além, respigados de maneira que evoquem com propriedade a possível diversidade intrínseca da obra. Mas, caímos no mesmo lugar vicioso: — haverá essa possibilidade numa pequena página literária? De modo algum. Donde a crítica de livros em locais desta índole se limitar apenas a pequenas referências e transcrições sem a preocupação de juízos extensos.

Sinfonia da Guerra é um belo poema cíclico da hora que passa, que a transcende e se torna num panfleto de todas as épocas em que o mundo é levado à guerra. Sem nos referirmos mais à forma poética usada, limitamo-nos apenas a apontar, ao lado duma expressão intrínseca actual, uma certo retrocesso formal compensado em grande parte pela perfeição e harmonia dos versos: Ramos de Almeida conserva-se formalmente num classicismo estático, evolucionando-o contudo quasi sempre na riqueza e actualidade das imagens.

A marcha do poema segue a própria evolução da guerra. Os títulos das poesias que o compõem — *Mobilização*, *«Front»*, *Terra de Ninguém*, *O primeiro soldado que tombou* — indicam bem as suas características essenciais: um forte sentimento pacifista a expandir-se poética-mente; à semelhança dêsse extraordinário poema em prosa, dêsse tremendo grito de horror que é *Os quatro de infantaria*, de Ernst Johanson; assemelhando-lo mais a êste romance do que às poesias falhadas, dum esteticismo fadista, do livro *Baionetas da Morte*, de António Botto.

Transcrevemos alguns fragmentos do poema:

Não valem as palavras nem as lágrimas;
A vida foi cortada por um traço;
Cada um sente o golpe, a falta, a ausência,
Como se lhe fôsse amputado um braço.
(Os que ficam)

Era nestes campos distantes e isolados,
Que o homem atirava o grão das sementeiras...
Dantes: A aventura obscura dos braços.
Agora: o heroísmo falso das trincheiras.
(«Front»)

Dantes, oh trabalhadores do mar!...
Era ainda lançar ao Mar a sorte;
Hoje, nada podeis mais esperar:
Terra ou Mar é sempre Morte...
(A guerra no mar)

A professora era nova, mas nunca abriu um livro de pedagogia. E nunca abriu um livro de pedagogia, porque nem frequentou nenhuma escola da especialidade, nem se interessou por êsses assuntos. O desejo dela era ganhar a vida. E assim era uma maneira de ficar em casa e ganhar uns «cobres» para os vestidos.

Ensinava pelo interesse de ganhar, não porque tivesse vocação ou se interessasse pelo progresso dos seus alunos da sociedade.

O gôsto dela era ditar. Ditava então grandes trechos sobre os assuntos mais diversos.

Os miudos como nunca tinham ouvido falar de certas ferramentas, certos peixes, certas aves, etc. davam muitos erros. Ela des-sperava-se e castigava-os com bolos.

— Assim não podeis ir a exame!

Mandava copiar em casa as palavras erradas, 10, 15 vezes. Os miudos extenuavam-se. Mas mal surgira uma das palavras erradas êles a escreviam outra vez mal.

Então a professora bufava, deitava lume pelos olhos.

Alvaro Ramos

Noite escura e fria

por Carlos Eduardo da Rocha

*A noite chegou,
Fria, escura e sem mistérios.
Sem mistérios
Porque eu compreendi que a noite
Refletia a vida dos homens.*

*Na terra eu vi
O escuro de muitas almas
No frio a miséria.
Vi também a revolta dos homens
No vento que sacudia as nuvens.*

*Na lua, pequenina e lívida
Eu vi faces
De famintos
E mulheres desgraçadas.
No brilho longínquo de uma estrêla
Eu vi a esperança dos moços.*

*Vi mais ainda,
Vi a piedade,
Vi o céu chorar por tôda a orfandade
Numa grande lágrima iluminada
Estrêla que rápida correu, logo apagada
Pela grande noite escura e fria.*

(Brasil)

O prefácio, de Rodrigues Soares, o post-fácio de Joaquim Namorado, impõem-se, por marcarem o lugar de Ramos Almeida — e da moderna poesia social — no movimento literário da actualidade.

DOM Alentejo tem de ser considerado, para honra do autor, como o primeiro livro de poemas publicado por Mário Mota. As situações poéticas criadas em redor da vida alentejana, não da paisagem, como se poderia crer, mas da gente, caracterizam-se por uma adivinhação do ambiente a partir do homem. O inconveniente desta concepção é que, afinal, êsse ambiente não resalta nitidamente alentejano, e por vezes ultrapassa-se e surge com um aspecto de certo modo universal:

«Casa pequena
com portas para o campo.
Portas abertas
a todos os homens bons.»

«E no dia
em que o seu Sol nascente
o fez olhar bem de frente,
o homem sem receio
procurou na estrada
o seu caminho
e triunfou...»

em que há imagens felizes, e uma nova compreensão de Mário Mota acerca do destino da literatura.

Horas Negras, livro de poemas de Mesquita Júnior, marca, em relação a *Labirinto*, que publicou em 1938, um passo em frente na sua maneira de encarar a arte. Em *Labirinto*, havia uma maneira de ver a realidade vaga de desdobramento, fulsando a realidade num pesadelo monstruoso. *Horas Negras*, são as horas negras do «pedreiro que caiu do andame à rua», do tipógrafo que estranhou a mão na «minerva, etc., horas de tristezas e de luta.

Nos dez poemas que compõem êste livro nota-se um espírito bastante compreensivo e uma pessoa cheia de boas intenções. Isto é suficiente para impor um livro de poemas? E pouco, mas marcando no presente caso um avanço sobre o livro anterior de Mesquita Júnior, é prometedor. Que o autor continue na senda agora iniciada: o resto — a forma moderna, a ordenação das imagens, a verdadeira actualidade poética — virá depois.

Recebemos *Contra a mentira da crítica em Portugal*, em que Amorim de Carvalho rebate as asserções de João Pedro de Andrade, conseqüências das críticas dêste em «O Diabo» a dois livros seus.

João Tendeiro

Tôda a correspondência referente a êste Boletim deve ser remetida para: João Tendeiro—Figueirô dos Vinhos